

## **A EQUIPE GESTORA FRENTE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Fernanda Xavier Silva Santana; Marcos Lopes de Souza

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*  
*ssxf.1@hotmail.com; markuslopessouza@gmail.com*

### **RESUMO**

As discussões relacionadas à gênero e sexualidade nas escolas, apesar de estarem sendo mais bem aceitas, ainda continuam cercadas de tabus e preconceitos. Por isso, a importância de se desenvolver cada vez mais pesquisas que venham sinalizar desafios e possibilidades para que sejam reconhecidas as diferenças, a diversidade sexual e os direitos humanos. Diante disso, essa pesquisa busca analisar os discursos da equipe gestora com relação às questões de gênero e sexualidade que permeiam a escola. Como base teórica, a pesquisa dialoga com a perspectiva pós-estruturalista. A pesquisa é qualitativa e está sendo desenvolvida em uma escola pública estadual do interior da Bahia, tendo como participantes da pesquisa a equipe gestora da escola. Para a produção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a gestão da referida escola. A análise de dados se baseia nos estudos foucaultianos sobre discurso. Como resultado preliminar percebe-se uma tensão discursiva, em que de um lado se vê a perspectiva heteronormativa, de controle dos corpos, de produção do feminino, de não compreensão da saída da norma, e, do outro, discursos de acolhimento, de respeito e aceitação das diferenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, sexualidade, gestão escolar.

### **INTRODUÇÃO**

A gestão escolar partilha práticas, sentimentos, princípios e valores no seu processo coletivo, que também interferem e intervêm no processo de construção social, histórico e cultural dos discursos sobre gênero e sexualidade, dentro e fora da escola. Percebendo a gestão desta forma, a pesquisa tem o objetivo de analisar os discursos das gestoras em relação às questões de gênero e sexualidade na escola, percebendo quais discursos se potencializam e quais se refutam. Sendo assim, esta pesquisa se justifica pelo desejo e prazer pessoal e teórico/prático pelos temas, e, pela necessidade de aprofundarmos as discussões acerca da relação entre gestão escolar, gênero e sexualidade na escola, visto que são poucas as pesquisas no Brasil.

A pesquisa de Junqueira (2010), uma das que mais se aproxima da proposta, chamou atenção, pois, analisou discursos de agentes públicos em cargos de gestão, sobre homofobia, e como resultado obteve a reiteração da heteronormatividade e negação/rejeição da homofobia e heterossexismo nas escolas, o que nos preocupa e nos impulsiona a investigar ainda mais essa relação. Nesse sentido, a pesquisa pretende produzir como benefícios, a produção de conhecimento científico, tendo como foco a relação da gestão escolar com as questões de gênero e sexualidade,

algo ainda pouco investigado, além disso, contribuirá para que gestorxs reflitam sobre suas práticas em relação às questões de gênero e sexualidade na escola.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é de natureza qualitativa, com a ideia de imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo presente no contexto social e cultural das participantes. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual, em uma cidade do interior da Bahia. São participantes da pesquisa a equipe gestora da escola, nomeadas hierárquica e historicamente como: diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica. Colocamos nomes fictícios para identificar as participantes. A escolha do colégio se deu porque ouvi muitos boatos na cidade que na escola existem muitos homossexuais, e, além disso, possui um professor que usa salto alto. Esses comentários me inquietaram e me fizeram pensar como as questões de gênero e sexualidade na escola são vistas pelo olhar da equipe gestora.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, logo em seguida foi realizada a produção de dados, e, se encontra em processo de análise de dados. Como instrumento para produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (gravadas em áudio)<sup>1</sup> com a equipe gestora da escola, de forma individual que nos permitiu flexibilidade, *rapport* com as entrevistadas e escuta (SILVERMAN, 2009). Gil (2008) defende que por meio da entrevista podemos captar a expressão corporal, a tonalidade da voz e a ênfase nas respostas das participantes, aspectos de suma importância, pois, também são elementos discursivos.

Os discursos presentes nas falas das entrevistadas estão sendo analisados na perspectiva das pesquisas pós-críticas, por entendermos o sujeito humano como produtor e produto da linguagem, dos discursos e das relações de poder e saber. Nesse sentido, nos apoiamos na concepção foucaultiana de que o discurso é “como uma prática que forma os sujeitos de que fala” (FISCHER, 2007, p.43), entendendo que os discursos são difusos e multidimensionais, não vêm de um lugar só, nem de forma linear, não nascem prontos, nem são estáticos. Colocamos o discurso em evidência, pois estes regulam, normatizam, instauram saberes e produzem “verdades”. Embasada em Michel Foucault, Paraíso (2012) fala que “a verdade é uma invenção, uma criação”, ou seja, “não existe a ‘verdade’, mas, sim, ‘regimes de verdade’, isto é, discursos que funcionam na sociedade como verdadeiros”. Portanto, utilizando essa metodologia, buscamos analisar os discursos, evidenciando que “verdades” estão sendo reproduzidas e/ou produzidas pelas gestoras, percebendo, quais

---

<sup>1</sup> A gravação foi feita com o consentimento das participantes.

influências e estratégias de saber e poder estão presentes em seus discursos sobre gênero e sexualidade.

## O QUE A GESTÃO DIZ SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE?

*Dizem que eu sou louco por pensar assim  
Se eu sou muito louco por eu ser feliz  
Mas louco é quem me diz e não é feliz, não é feliz*

*Eu juro que é melhor  
Não ser um normal  
Se eu posso pensar que deus sou eu!*

*Sim sou muito louco, não vou me curar  
Já não sou o único que encontrou a paz  
Mais louco é quem me diz e não é feliz, eu sou feliz!  
(Arnaldo Baptista/Rita Lee)*

O trecho da música “Balada do Louco”, mais conhecida na voz de Ney Matogrosso<sup>2</sup>, me parece pertinente para introduzirmos uma “viagem” pelas falas das gestoras sobre gênero e sexualidade. A música fala de um normal, que não é tão normal assim, pois, o normal é uma invenção social, cultural e histórica, uma normalização daquilo que se quer como normal, ou natural. Trazendo o sentido da música para o contexto das temáticas gênero e sexualidade, podemos pensar que esse lugar do normal não é tão confortável e interessante de estar, pois, cada pessoa pode sentir e construir seu gênero e sua orientação sexual de diversas maneiras, no decorrer do tempo, inclusive indo na contra mão da norma, por isso, é melhor “não ser um normal”, se podemos dizer quem somos, o que desejamos, gostamos de ser, ou, podemos ser. Mas, esse “normal”, nos persegue desde nossa vida uterina:

a declaração ‘É uma menina!’ ou ‘É um menino!’ também começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. [...] O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior a cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação ‘é um menino’ ou ‘é uma menina’ inaugura um processo de

<sup>2</sup> Ney Matogrosso foi uma referência na década de 70 de transgressão. Assumido homossexual, Ney surge com o grupo Secos e Molhados, no qual desconstruía os padrões de gênero e sexual em suas performances, provocando e abrindo espaço para novos debates no Brasil sobre gênero e sexualidade. Assim como a compositora da música Rita Lee, também remexeu as normas da época do ser mulher, do ser feminina.

masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete (LOURO, 2016, p. 15/16).

Isso porque, a sociedade ocidental produziu uma ideia essencialista<sup>3</sup> (natural, fixa e inata) de gênero e sexualidade, em que as relações de gênero, sexual/afetiva foram definidas pela razão da natureza biológica. Porém, na perspectiva foucaultiana, a qual este trabalho se debruçará, a ideia essencialista de sexualidade não se sustenta, pois, para Foucault (1988), a sexualidade é vista como um dispositivo histórico, marcada pelos pensamentos e pela cultura de cada época e sociedade. Corroborando com essa ideia, Louro (2007) diz que a sexualidade é construída pelo viés cultural, e, por diversos elementos que, muitas vezes, ficam no campo da invisibilidade.

Portanto, essa ideia de feminino e masculino, menino e menina, homem e mulher, vem desse pensamento essencialista binário, que, construiu/constrói barreiras, diferenças de gênero e sexual determinada pelo fator biológico do sexo. Quem ousa a ultrapassar os limites da cisgeneridade (sexo-gênero-orientação sexual do padrão heteronormativo) é colocadx a margem, consideradx desviante, anormal e por muitxs, uma doença, uma patologia cabível de tratamento e cura. Por isso, para analisar os discursos da equipe gestora em relação às questões de gênero e sexualidade, selecionamos alguns trechos das entrevistas realizadas com a diretora, duas vice-diretoras e a coordenadora pedagógica para dar início à discussão.

### **Primeiro trecho:**

*Gênero no português é masculino e feminino, não existe outro gênero, né? Masculino e feminino. A questão da sexualidade, aí vem aquelas outras formas de sexualidade, né? Tem os homossexuais, têm os travestis, essas coisas todas. Então é onde você tem essa, essa mistura que hoje existe mais acentuada do que antes. Hoje a abertura tá maior, as pessoas hoje estão se mostrando, antigamente era escondido, você ver homossexual era uma coisa muito... né, muito escondida, mas, hoje não. Eu tava até falando com uma colega minha: - ela: Maria eu num tô nem querendo sair mais, não sei quem é homem mesmo! (risos) pra paquerar... (risos) se ver um sozinho! Disse: deve ser bicha! (risos) né, tá difícil hoje. E eu vejo que na adolescência, não nos meninos, mas, nas meninas, hoje é mais experimentação. É a questão da experimentação, não que seja. Do menino não, do menino acho que eles têm mais pudor em se aparecer, e, quando aparecem é porque realmente são. Mas, a menina não. Eu penso assim, que a menina, ela é mais sensível, então quando ela encontra uma menina ou um menino que dá atenção, que eu acho que a mulher é extremamente carente, né, quando você tem um namorado que lhe dá uma flor, você se derrete toda, e acha aquela pessoa a melhor coisa do mundo, nem que ele não valha nada, mas, ele tá lhe dando uma jóia, que tem homem que é assim, dá uma jóia, lhe dá uma flor, não vale nada, mas, pra lhe comprar... aí você se derrete toda. Aí a menina vem, de 15 anos, com a cabecinha toda... porque a fase de aceitação,*

---

<sup>3</sup> Atualmente a Teoria Queer tenta romper com essa ideia de que o gênero é construído pelo sexo (biológico), trazendo o pensamento que sexo e gênero são produção e construção cultural discursiva.

*de você saber o que é, que ainda tá bagunçando a cabeça, é 15, 14, 15 anos, então aí vem uma pessoa mais velha, né, e começa a fazer isso com ela, e ela acha que é, mas, na frente acaba vendo que não é, porque vem a maturidade, então na menina essa coisa de aceitação, essa coisa de ser homossexual ela vai mais da carência, o menino não, o menino até chegar nisso ele sofre muito. Ele sofre muito. Pelo menos nas experiências que eu tenho aqui na escola (Maria – grifo nosso).*

Maria começa sua fala dizendo que gênero é masculino e feminino, e reforça, “*não existe outro gênero, né?*”. Em sua fala emerge o binário que foi construído e reiterado durante a história e pela cultura da sociedade ocidental. Mas, logo em seguida vem uma interrogação, “*né?*”. Essa interrogação mostra que Maria possui um saber que foi adquirido social, cultural, do senso comum, mas, que não está completo e fechado em seu pensamento, por isso ela precisa que se diga mais sobre, que a afirmação seja reiterada, o que demonstra que o sujeito passa por jogos de verdades, de saber, de necessidade de reiteração de discursos para a construção de sua subjetividade. Mas, mesmo assim Maria defende um saber. Nessa fala, percebemos que gênero é descrito em um lugar fixo, feminino e masculino, e, a sexualidade é direcionada a orientação sexual.

Também podemos perceber uma preocupação na relação de poder da heterossexualidade X homossexualidade, quando a participante comenta de uma fala de sua amiga, deixando passar uma ideia de que não há mais homens para se paquerar, pois, “*Disse: deve ser bicha! (risos) né, tá difícil hoje*”. Isso mostra em que lugar Maria, e sua amiga se encontram, na heterossexualidade, e, demonstra um desconforto e um discurso de que a homossexualidade estaria produzindo a extinção de homens heteros, o que para elas coloca em risco a ordem sexual vigente, normalizadora, heterossexual.

Mais a frente, Maria diz que na adolescência a questão é experimentação, e essa experimentação ela define como específica das meninas, por características que ela atribui ao feminino, como: a sensibilidade e carência. Isso demonstra uma produção do feminino, uma caracterização geral para meninas do que se entende/deseja que seja o feminino, então a participante coloca as meninas em um lugar de fragilidade, de que pode ser condicionada para a lesbianidade. Com relação aos meninos, Maria associa ao pudor, e nos deixa pensar que a homossexualidade nos meninos é pela relação de desejo, que vem de dentro, e, até ele se mostrar, sair do armário, há sofrimento. Isso permite indagarmos: Em que lugar se coloca a construção da homossexualidade de meninos e da lesbianidade de meninas? Será que com relação a gênero e a orientação sexual nossa sociedade cobra mais de meninos do que de meninas? As meninas não sofrem por terem desejos e prazeres por outras meninas? A lesbianidade é produzida pela carência e pela sensibilidade, pela fragilidade do feminino de ser facilmente condicionada/controlada?



Vinda dos moldes vitorianos, de doutrinas religiosas e discurso médico, produziu-se na sociedade uma forma de se pensar o feminino, ligado a fragilidade, a doçura, a sensibilidade, a procriação, ao cuidado, junto ao pensamento de inferioridade e dependência. Nesse sentido tornar-se feminina é uma produção de gênero. Pensando em gênero, Scott (2012) conta que o termo surge na década de 70, como uma causa das mulheres feministas, que contrariava a ideia de que a anatomia da mulher era o seu destino. Ao contrário, pensavam que os papéis colocados para as mulheres eram convenções sociais, não ditames biológicos. Nesse sentido, as primeiras articulações feministas entendiam gênero como uma construção social, com o objetivo de analisar a relação de mulheres e homens em termos de desigualdade e poder. Nos anos 90, gênero foi debatido como sinônimo de anti-essencialismo, mas, ao mesmo tempo, ao longo de muitas décadas, os movimentos feministas formularam uma identidade comum para as mulheres, baseado no “fundamentalismo biológico”, trazendo intrínseca à condição de ser mulher, o parto e a maternidade. Nesse sentido a autora nos fala da dificuldade de especificar de outra forma um significado estabelecido sobre mulheres. Scott fala então sobre a transitoriedade do significado do ser mulher na história, e, que esses movimentos, tensões, choques de ideias sobre gênero tem causado debate da própria identidade da mulher. O que é mesmo ser mulher? As discussões sobre gênero levaram a concepção de várias definições de homem/mulher, masculino/feminino, na sua complexidade e instabilidade. Portanto, gênero foi instrumento para diagnosticar e desmascarar as desigualdades entre homens e mulheres.

Ser mulher lésbica dentro desse meio de constante debate e instabilidade é muito difícil, pois segundo Rich (1980) a heteronormatividade compulsória apaga a “existência lésbica” e retira o poder das mulheres. Primeiro pelo poder masculino, que vem colocando a mulher num lugar de inferioridade, dependência e violência. Segundo, quando a existência lésbica é apagada do movimento feminista (no seu início), por não estar no padrão do que se achava ser mulher na época. Então feministas e lésbicas geralmente são confundidas e tachadas como desviantes, odiosas, machões, mal-amadas. Maria coloca a carência como fator determinante da lesbianidade, colocando as meninas lésbicas em lugar de provisoriamente, de que ainda não se descobriram, que estão em um processo de aceitação e que não estão maduras para saber o que desejam ou sentem de verdade, o que se torna perigoso se pensarmos que dessa forma os sentimentos, os sofrimentos, medos e angústias de uma menina lésbica esteja sendo abafado e/ou dado menos importância.

Ferrari (2014) ao analisar a carta de uma adolescente que desabafou seu sofrimento para uma professora de Ciências conta e analisa o sofrimento da adolescente pela condição de gostar, sentir

desejos por outras meninas, pensado pela jovem como algo nojento, errado, pecaminoso, proibido, o que causa sensações de dor, medo, receios; vontade de viver os desejos, mas, por outro lado a culpa por ter os desejos e querer vivê-los. Louro (2014, p.87) questiona “como se reconhecer em algo que se aprendeu a rejeitar e a desprezar? Como, estando imerso/a nesses discursos normalizadores, é possível articular sua (homo)sexualidade com prazer, com erotismo, com[o] algo que pode ser exercido sem culpa?”. Pensando nisso, a escola, a professora nesse caso, tem a condição de diálogo e de possibilitar à aluna a saída do sofrimento. Mas, como possibilitar que as diferenças sejam respeitadas, aceitas e reconhecidas se educadorxs permanecerem com pensamentos do senso comum, formados por discursos heteronormativos? Como diz Ferrari (2014, p. 106):

No entanto, a escola, por ser o lugar por excelência de conhecimento, não é o espaço do senso comum, mesmo que ele insista em aparecer pelas falas dos alunos e alunas. A escola é o local de problematização do senso comum, do que não nos assusta mais porque naturalizamos. E dizer das homossexualidades é dizer desse senso comum, dessa forma de conhecer que organiza o social, que invade as escolas e que constrói sujeitos.

Podemos dizer que para os meninos talvez seja mais difícil assumir-se homossexual, pois nossa sociedade coloca aos meninos uma condição de aprisionamento no masculino, numa forma específica de ser masculino (forte, macho, corajoso, insensível, superior, etc.). Louro (2014, p. 71) diz que “a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos”, sendo assim, diferente do masculino, o feminino foi produzido como o lugar da menina delicada, frágil, meiga, carinhosa, entre outras. Nesse sentido, a lesbianidade também sofre as consequências da produção do feminino. As meninas apesar de sofrerem também, são criadas com mais abertura para vivenciar os afetos, demonstração de carinho, como por exemplo, meninas podem dormir juntas, se abraçar, beijar na bochecha e não haver insinuações de que podem ser lésbicas, pois, esse comportamento é permitido para meninas e mulheres, já com os meninos e homens essas demonstrações são mais complicadas, pois, existe o julgamento, e, a reputação de sua masculinidade pode ser afetada.

### **Segundo trecho:**

*Olha essa questão de gênero, né... homem-mulher, isso assim, a gente aprende, desde o primário que a gente sabe que existe o gênero masculino, gênero feminino, mas assim trazendo hoje para questão social, e também para os grupos que existem é uma questão de opção mesmo, é de identificação. Mulher se identifica mais vivendo sexualmente com outra mulher, o homem também pode conviver bem com outro homem, e não é isso que define o ser como um todo na minha visão, não é isso que define o ser como um todo, mas, é uma opção, é uma opção sexual, mas, isso não vai definir se, porque o comportamento de homossexual é diferente do comportamento de um heterossexual, não, isso é questão, porque aí vem, é o que*

*eu digo, aí vem a formação cultural da pessoa, a formação acadêmica, vem a questão do comportamento como foi educado desde o berço familiar, então eu não vejo assim como seres diferentes homem e mulher é, é, em relação a sexo, não, eu vejo que são pessoas que **devem ser respeitadas**, sejam elas mulheres, homens, e como opções diferentes, assim como tem pessoas que não são só homossexuais, elas são bissexuais. Então é uma questão de opção em relação ao sexo, que isso não define o comportamento de uma pessoa como ser humano, pra mim, na minha visão, não é isso que vai definir, **o que vai definir é o comportamento social, moral, profissional, ser ético ou não, porque há tantas pessoas que se dizem corretas por serem heterossexuais e que na verdade na convivência não são tão admiradas pelo comportamento, então é uma questão pessoal, eu não defino um ser humano como bom ou ruim, se ele faz opção sexual A ou opção sexual B, eu vejo o ser humano que ele é o que ele é pela formação que ele teve, por tudo aquilo que ele acredita e como ele age. Aí você tem que olhar o ser humano como um todo, não como uma pessoa que fez uma opção sexual, eu vejo assim, ele é um ser humano ele precisa ser respeitado em seus direitos, seus deveres, em suas posições, e, que isso não seja desrespeitado por que a pessoa fez uma opção sexual diferente do que é considerado normal, porque o que é normal na nossa sociedade? Por exemplo, aí eu me retrato, me reporto a questão do ser heterossexual: quantas pessoas se desrespeitam, as vezes o homem não é fiel a mulher e vice versa, né, então são questões de ordem pessoal, que não vai definir quem é o ser humano, o ser humano é o que é pelas suas posturas, pela sua visão, pelo seu mundo, pela construção da sua identidade e como ele age nesse mundo. A sexualidade é questão opcional independente de homem ou de mulher.. (Dejanira Rosa – grifo nosso).***

Aqui a participante traz também a visão padrão, heteronormativa de gênero. A colocação binária de feminino-masculino, homem-mulher. Dejanira Rosa afirma ter aprendido isso desde o primário, ou seja, que aprendemos na escola a classificar somente em feminino e masculino, e, esse feminino e masculino está bem definido pelo sexo biológico. Isso diz que a escola promoveu e promove um discurso binário de gênero, o que mostra que “a escola, não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (LOURO, 2014, p. 84). A influencia da escola na construção/constituição de gênero e sexualidade das pessoas é inevitável. Podemos descrever diversos meios pelos quais discursos que falam de gênero e sexualidade são ditos e reiterados. Podemos começar pela organização do espaço de recreação, os banheiros, o currículo, regulamentos, as falas dos professorxs e gestorxs que não são neutros no seu dizer e agir, a arquitetura, a arrumação/decoração. Louro (2014, p. 65) afirma ao discutir a “escolarização dos corpos e das mentes” que:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados [...]. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.

Dejanira Rosa é um exemplo de como a escola produz e reproduz saberes sobre gênero e sexualidade. Nesse caso, podemos dizer que Dejanira limita sexualidade a orientação sexual, mas, ela traz um discurso de opção e identificação, que apesar da orientação sexual não ser uma questão



de opção, a participante foge do padrão que coloca a orientação sexual como algo fixo e acabado na determinação do sexo biológico. E, enfatiza que o ser humano ser julgado bom ou ruim não é pela opção sexual que faz, mas, por elementos ligados a valores, a ética, a formação familiar, ao comportamento, visão de mundo, posturas. A participante fala também de respeito, direitos e deveres, nesse sentido, podemos dizer que em sua fala emerge um discurso de respeito às diferenças, embora, ainda tenha uma visão limitada das temáticas gênero e sexualidade.

### **Terceiro trecho:**

*Você agora me pegou mesmo! Não, antigamente já era uma coisa assim mais, é..., **a gente achava assim um absurdo, né, na época.** Mas, não, agora não. Eu encaro normalmente. A gente vê aqui na escola mesmo que tem casais e mais casais, a gente tranquilo, aí eu tô cada vez mais aprofundando mais assim né, tentando é, compreender como eu tô compreendendo o jeito deles se comportarem e assim por diante.[...] Eu acho assim, é uma forma que cada um tem de se relacionar e **tem que apoiar, apoiar cada vez mais, dando força, conversando, dialogando com eles, e vendo normalmente.** [Ela ficou impaciente e angustiada porque não estava sabendo responder, e disse que não é muito de falar assim em entrevista, que é tímida. Percebi nos olhos dela uma angústia por não saber responder] (Bruna Carvalho – grifo nosso).*

Bruna Carvalho tem dificuldades em saber distinguir os termos gênero e sexualidade. As expressões dela me fizeram pensar que ela pouco pensa sobre isso, e, acaba falando como se os dois termos estivessem vinculados somente a orientação sexual, a homossexualidade. As três participantes reconhecem que existe diversidade sexual, mas, falam de sexualidade como se fosse somente a orientação sexual, ou os sujeitos que fogem da norma, o que mostra uma visão limitada sobre a temática, reforçando a necessidade de se desenvolver formações continuadas sobre gênero e sexualidade para professorxs e gestorxs.

### **Quarto trecho:**

*A gente sabe que tem pessoas mesmo que se olham no espelho, por exemplo, menino se olha no espelho e não se vê um menino, vê uma menina. Isso é a questão de gênero, né isso? Isso aí eu sei que existe, mas eu não consigo conceber, **ainda não consegui conceber isso, mas respeito.** [...] Eu não consigo entender como é que ele consegue no espelho... Entendeu? Eu não consigo entender. **Que nem, eu vou me olhar no espelho e eu vou me enxergar um homem, eu não consigo entender isso.** [...] porque muita gente assim não se acha, eles não se acham, **por exemplo, menino, tá no corpo de uma mulher né, né estranho? É estranho.** Não consigo. Não consigo entender ainda isso. [...] **Nesse caso do gênero é isso das pessoas estarem se enxergando uma coisa, o contrário né, o oposto né. E a sexualidade é justamente a descoberta do seu corpo, é diferente, né?** (Adélia – grifo nosso).*

Antes de Cristo foi inventado um objeto que deu a condição de enxergarmos nossa imagem pela ação de um reflexo. O nomearam de espelho. Não se esperava que este objeto se tornaria um poderoso mecanismo de poder sobre os corpos. Uma vez definidos padrões e normalidades discursivas e estéticas para nossos corpos e desejos, a imagem que é refletida nesse objeto nos diz muito, nos toca muito, nos fala muito. O espelho também nos liberta, nos apaixona, nos alegra,

quando vemos nele a imagem que nos tornamos, daquilo que acreditamos ser o belo. Quando a subversão desse padrão ocorre, podem existir também sentimentos que nos entristecem, nos aprisionam. Isso, muitas vezes gerado por discursos que nos dizem sobre o que é ser belo, normal, interessante. O espelho foi se tornando importante e inseparável das pessoas. Mas, essa relação de querer ver a imagem, o corpo refletido parece comum dos humanos. Basta pensarmos que isso pode ter começado com as imagens refletidas nas águas dos rios.

Muitas pessoas se olham no espelho e não se sentem bem com o que veem. Todos nós passamos por isso em algum momento. Ora porque não é magro o suficiente, ora porque o cabelo não é liso, porque queria ser branco, porque está cheio de espinhas, hora porque não achou a roupa bonita, da moda, entre outras. Mas, existe também outra aparência que é rejeitada, a que define o gênero. Rejeitar-se no espelho por se ver uma menina e não um menino nos remete a compreender o ver-se de outra forma. Esse ver-se menina e não menino, é um ver-se de dentro para fora. O lado de fora, ou seja, o corpo se torna um problema. A dificuldade de Adélia está em perceber, ou entender e/ou reconhecer que as pessoas possuem subjetividade, desejos, prazeres e gêneros que não são definidos pela forma corpórea ou simplesmente pelo sexo biológico. Ou seja, ela não concebe como uma pessoa pode não ser cisgênero.

O corpo refletido no espelho seria um prolongamento e um desvelar dessa coisa primeira que vem de dentro, que é sentida por dentro, não de dentro do espelho, mas de dentro de si. O que podemos pensar dessa fala, é que o espelho é um objeto cultural que possibilita a concretização de discursos sobre o corpo em forma de sentimento, pois, a imagem refletida é acompanhada de subjetividades que foram construídas por diversos discursos que podem potencializar o ego e a vaidade das pessoas, como pode construir uma relação de repulsa, de não aceitação de si mesmo. Essa fala pode estar relacionada também ao aparecimento de personagens transexuais e travestis em novelas, filmes e curtas, onde o objeto espelho entra em cena para trazer a tona a temática, o que é muito positivo, porque inquieta as pessoas, as fazem pensar sobre as diferenças, mesmo que não consigam compreender.

#### **Quinto trecho:**

*Eles viravam pro bloco e diziam “Dois homens se beijar é normal. Quer ver?”. Eles se agarravam, eles não se beijavam normal não, como namorados. Eles se engoliam, coisa que você faz entre quatro paredes, eles estavam fazendo... pra agredir, pra agredir mesmo! [ela dá ênfase] Então aquilo dali até quem não era preconceituoso dava nojo, eu fiquei num desespero que eu disse, não tem mais homem para minhas filhas! Gente acabou! [risos] Cabou! [risos] Acabou com tudo! [risos] [...] Foi tanto que a gente ficou num transe que aí passou pra gente que o mundo acabou, que não tinha mais homem, aí passou um menino e*

*uma menina. Eu achei tão engraçado. Aí o menino adolescente pegou aquela coisinha de... colar do Gandhi, jogou na menina e beijou, e ele fez isso bem na frente do camarote, pois o camarote todinho bateu palma como se aquilo fosse anormal, que aquilo ali... eles olharam assim pra cima sem entender, porque a gente disse, não ainda tem um jeitinho, né (Maria – grifo nosso).*

Essa fala me inquietou muito porque demonstra o quanto a participante, assim como todas as pessoas que estavam com ela no camarote, possuem uma ideia de que os homossexuais não devem expressar seus desejos e prazeres em ambientes públicos, ou que, quando isso acontece torna-se uma agressão à moralidade. Embora a participante diga em outra fala que isso não se aplica só a homo, mas também aos heteros - o que demonstra uma preocupação com o controle dos corpos, uma preocupação com o pudor – surge um questionamento do porque que só com um grupo de homossexuais que há uma sensação de desconforto geral e de demonstração desse desconforto (que se percebe com as palmas no final para o casal de heteros). Podemos perguntar, porque o beijo entre pessoas do mesmo sexo causa tanto espanto, desconforto, e até nojo? Além disso, há um discurso de que os homens estão se transformando em gays, e que isso é uma preocupação para a construção familiar, o que se percebe quando ela diz que não tem mais homens para as filhas dela. Esses enunciados me fazem perceber um discurso heteronormativo<sup>4</sup> muito forte na fala de Maria, que, segundo Miskolci (2016, p. 15) seria a ordem sexual vigente, onde todos são formados para serem heterossexuais, terem família e reproduzirem, ou, mesmo quando tenham relações com o mesmo sexo, adotem o modelo da heterossexualidade.

## CONSIDERAÇÕES

Por se tratar de uma pesquisa em andamento as considerações também estão em construção. Como resultado preliminar, percebem-se discursos contraditórios, onde de um lado se vê a perspectiva heteronormativa, de controle dos corpos, de não compreensão da saída da norma, e, do outro, discursos de acolhimento, de respeito e aceitação das diferenças. Sinaliza também que gestorxs precisam ter formação continuada sobre as questões de gênero e sexualidade, pois, se percebe discursos heteronormativos, de não compreensão.

## REFERÊNCIAS

FERRARI, A. **Experiência homossexual no contexto escolar**. Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR. Edição Especial n.1/2014, p. 101-116.

---

<sup>4</sup> Nesse caso, gays e lésbicas também podem ser normalizados, aderirem ao modelo e serem agentes da heteronormatividade.

FISCHER, R. M. B. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. v. 1. 21 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. “**A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!**”: Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas. *Revista de Psicologia da UNESP* 9(1), 2010.

LEE, R; BAPTISTA, A. **Balada do Louco**. 5º CD. Faixa: 6. Polydor Records, 1972.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. 3. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2.ed. ver. E ampl., 3.reimp. – Belo Horizonte: Autentica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, M. A; MEYER, D. E. (Orgs.). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. *Revista Bagoas*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. n. 5/2010, p. 17-44.

SCOTT, J. **Usos e abusos do gênero**. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.